

2

Fundamentos teóricos

«Ruempo, dijo, la guitarra
Pa no volverme a tentar,
Ninguno la ha de tocar,
Por siguro tenganoló;
Pues naides ha de cantar
Cuando este gaucho cantó.»

José Hernández. *El gaucho Martín Fierro*

For readers who cannot check the translation against the original, the translation, quite simply, *is* the original. Rewriters and rewritings project images of the original, work, author, literature, or culture that often impact many more readers than the original does.

André Lefevere. *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame*

No presente capítulo, são apresentadas a abordagem teórica e os conceitos chave que informam a pesquisa proposta sobre as reescritas de *Martín Fierro*: os Estudos Descritivos da Tradução, com destaque para os conceitos de *reescrita* e *patronagem* de André Lefevere, complementados pela noção de identidade desenvolvida por Stuart Hall e pelos aportes para o estudo dos paratextos de Gérard Genette.

2.1

Os Estudos Descritivos da Tradução

Na introdução da coletânea por ele organizada, *The Manipulation of Literature* – originalmente publicada em 1985 e que estabeleceu os fundamentos da abordagem conhecida como *Descriptive Translation Studies* (DTS), ou Estudos Descritivos da Tradução, em português – Theo Hermans delineia de forma precisa as características que definem os DTS até hoje:

uma visão da literatura como um sistema dinâmico e complexo; a convicção de que deve haver uma interação permanente entre modelos teóricos e estudos de caso; uma abordagem da tradução literária de caráter descritivo e voltada para o texto-meta, além de funcional e sistêmica; e um interesse nas normas e coerções que governam a produção e a recepção de traduções, na relação entre a tradução e outros tipos de reescritura e no lugar e função da literatura traduzida tanto num determinado sistema

literário quanto na interação entre literaturas² (Hermans, 1985, p. 10-11. Tradução de Martins, 1999).

Das palavras de Hermans pode-se deprender que uma pesquisa que se define como descritiva e voltada para a cultura alvo requer trabalhar com uma noção historicizada da tradução, portanto, contingente, escolha que representa uma ruptura com as visões essencialista e normativa. Nesse sentido, os DTS assumem que tradução é tudo aquilo que em uma determinada cultura alvo, segundo seus próprios critérios, é/foi considerado/aceito como tradução em algum momento histórico.

Uma das características mais representativas dos DTS é a visão sistêmica da literatura, que permite estudar, conjuntamente, fenômenos tão complexos como os relacionados com o cânone literário, as literaturas consideradas menores, e a tradução e as complexas relações da literatura com o contexto cultural. A abordagem sistêmica da literatura se fundamenta na Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar, como será desenvolvido na próxima seção.

2.1.1

A literatura como sistema

A Teoria dos Polissistemas foi desenvolvida por Itamar Even-Zohar a partir da década de 1970. Ela visa estudar a literatura levando em consideração os fatos contextuais determinantes de sua produção e recepção, com o objetivo principal de deprender as leis que regem os processos literários e atendendo a fenômenos relacionados, cuja relevância não tinha sido reconhecida previamente, como aqueles derivados das traduções literárias.

A teoria abraça o pressuposto de que “os fenômenos sociosemióticos, i.e., os padrões humanos de comunicação governados por símbolos (como a cultura, a linguagem, a literatura) podem ser compreendidos e estudados mais adequadamente se considerados como sistemas, e não como conglomerados de elementos dispares”³

² “A view of literature as a complex and dynamic system; a conviction that there should be a continual interplay between theoretical models and practical case studies; an approach to literary translation which is descriptive, target oriented, functional and systemic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures.”

³ “(S)ocio-semiotic phenomena, i.e., sign governed human patterns of communication (such as culture, language, literature), could more adequately be understood and studied if regarded as systems rather than conglomerates of disparate elements.”

(Even-Zohar, 2005, p. 1). A vantagem da abordagem sistêmica é que permite observar as leis que regem os complexos fenômenos semióticos – e não somente registrá-los e classificá-los –, sendo possível explicar tanto fatos conhecidos quanto desconhecidos através das relações que eles estabelecem (Even-Zohar, 2013). O conceito de *sistema* é definido como “redes de relações que podem servir como hipóteses para um determinado conjunto de parâmetros assumidos (‘ocorrências’ / ‘fenômenos’)”⁴ (Even-Zohar, 2010, p. 1).

Como Marcia Martins assinala, Even-Zohar se inspirou no conceito de sistema de Yuri Tynianov “que abrange diferentes sistemas literários estruturados hierarquicamente e em permanente estado de transformação” para idealizar o conceito de polissistema, que se refere “a um agregado de sistemas constituído de todo tipo de textos literários, semiliterários e extraliterários existentes em uma dada cultura” (Martins, 1999, p. 45). Com isso, os aspectos mais relevantes que o pesquisador busca salientar são a dinamicidade dos sistemas literários e a organização hierárquica dos elementos que os compõem. Ambos os aspectos estão estreitamente vinculados devido que todo sistema literário se organiza em posições centrais e periféricas, de forma que os diversos estratos lutam continuamente por permanecer no centro ou por alcançá-lo, produzindo assim a dinâmica inerente ao sistema. Em palavras de Martins (Ibid), “os diversos gêneros, tendências, “escolas” ou o equivalente, fruto de algum tipo de segmentação (não importando o critério usado), estão constantemente competindo entre si pela preferência dos leitores, assim como por prestígio e poder”.

Adicionalmente, o terceiro aspecto fundamental para compreender a teoria dos polissistemas é a noção de inter-relação do sistema literário com os demais sistemas que compõem o polissistema de uma cultura dada, como, por exemplo, os sistemas religioso, educativo, sócio-político, econômico, etc. As relações observáveis entre os sistemas literários e extraliterários são estabelecidas através de determinados elementos que os compõem, de forma que o conceito de *polissistema* pode ser definido como “uma rede fechada de relações na qual o valor de cada elemento é uma função das relações específicas das quais participa. Mas como ele é, também, uma estrutura aberta composta de várias redes simultâneas de relações, a idéia de uma multiplicidade de relações na heterogeneidade da cultura fica bem

⁴ “(N)etworks of relations that can be hypothesized for a certain set of assumed observables (‘occurrences’ / ‘phenomena’).”

ressaltada através do prefixo *poli-*” (Ibid).

Da mesma forma que acontece com os sistemas literários, o estado natural dos sistemas extraliterários é de contínua mudança, não sendo, portanto, os polissistemas uniformes. Todas as posições, centrais e periféricas, são móveis, e as fronteiras entre os sistemas de um polissistema (e entre vários polissistemas culturais) são permeáveis. A interpenetração entre os sistemas e os polissistemas normalmente acontece a partir das regiões periféricas, sendo justamente na periferia onde normalmente se posicionam as traduções literárias.

As traduções literárias constituem um sistema dentro do polissistema literário da cultura receptora e um dos mais ativos, segundo o parecer de Even-Zohar. Esse sistema se relaciona com os cossistemas da literatura receptora — através do princípio de seleção — e, ao mesmo tempo, com os cossistemas da cultura fonte — se consideramos as normas, os comportamentos e os repertórios que traz de fora. Em palavras do pesquisador:

Através de obras estrangeiras, traços (tanto princípios como elementos) que não existiam antes são introduzidos na literatura alvo. Incluem-se provavelmente não apenas novos modelos de realidade para substituir os antigos e estabelecidos que não funcionam mais, mas também um leque de outros recursos, como uma nova linguagem (poética) ou padrões e técnicas composicionais. É claro que os princípios para selecionar as obras que serão traduzidas são determinados pela situação dominante no polissistema alvo: os textos são escolhidos de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que devem assumir dentro da cultura alvo⁵. (Even-Zohar, 1990, p.47)

Em síntese, a abordagem proposta por Even-Zohar sustenta que a literatura não pode ser concebida como um conjunto de textos nem como um repertório (ou, seja, um conjunto de leis e de elementos que regem a produção de textos) porque os textos são manifestações literárias cujo comportamento pode ser compreendido unicamente no nível do polissistema cultural (Even-Zohar, 2013). Pela mesma razão, a desigualdade observável entre os estratos canonizados e não canonizados que convivem dentro de um sistema literário é devida às coerções impostas pelos sistemas semióticos vinculados (Martins, 1999). As traduções literárias, nesse sentido, devem ser estudadas em relação ao sistema alvo porque os princípios de

⁵ “Through the foreign works, features (both principles and elements) are introduced into the home literature, which did not exist there before. These include possibly not only new models of reality to replace the old and established ones that are no longer effective, but a whole range of other features as well, such as a new (poetic) language, or compositional patterns and techniques. It is clear that the very principles of selecting the works to be translated are determined by the situation governing the (home) polysystem: the texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target culture.”

seleção dos textos fontes são determinados pela situação dominante desse sistema, como também sua futura posição, central ou periférica. As traduções que atingem uma posição central são normalmente aquelas cujo sistema alvo atravessa um período de grandes mudanças, situação que favorece a flexibilização de tal sistema e a acolhida de novos elementos. Contrariamente, as traduções que ocupam posições periféricas são aquelas cujos sistemas alvos são menos permeáveis. Nessas situações, os esforços dos tradutores se concentram não em transferir novos elementos, mas sim, em achar os modelos secundários prontos do sistema próprio para “aplicar” ao texto fonte. Como resultado, a tradução pode exibir uma discrepância relevante entre a adequação desejável e a equivalência atingida (Even-Zohar, 1990).

Em concordância com os fundamentos teóricos de Even-Zoar, André Lefevere propõe-se estudar a tradução de textos literários como evidências das reescritas que um texto literário experimenta, considerando que as reescritas são as principais responsáveis pela formação, manutenção e transformação do cânone literário e de representações culturais gerais, ideias que serão apresentadas a seguir.

2.1.2

A tradução como reescrita

As teorizações de André Lefevere partem da Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar, e os conceitos-chaves são: reescrita, poética, ideologia e patronagem. O principal texto de referência é *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame* (1992).

O conceito de *reescrita* é a pedra de toque do modelo e se refere às atividades da crítica, da tradução, da organização de antologias e da historiografia da literatura que dentro e fora dos círculos acadêmicos conectam os leitores não profissionais com a literatura através de imagens que se impõem culturalmente:

No passado, como no presente, os agentes de reescrita criaram imagens de um autor, de uma obra, de um período, de um gênero, e, às vezes, de toda uma literatura. Essas imagens sempre tenderam a atingir mais pessoas do que as realidades correspondentes, e com certeza continuam fazendo-o hoje. Porém, a criação de tais imagens e o impacto que elas produzem não foi estudado no passado e não constitui ainda um objeto de estudo detalhado. Esse fato parece ainda mais estranho diante do enorme poder exercido por essas imagens, e, portanto, por seus criadores⁶. (Lefevere,

⁶ “In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature. These images always tended to reach more people than the corresponding realities did, and they most certainly do so now. Yet the creation of these images, and

1992, p. 5)

Em outras palavras, o interesse principal de Lefevere no estudo das reescritas reside na capacidade que elas possuem de criar poderosas imagens no sistema literário. Em consonância, o enfoque proposto pelo pesquisador propõe-se a tornar visíveis os processos de criação de tais imagens com o objetivo de depreender, assim, as lutas poetológicas e ideológicas que definem o estado dos cânones.

Do ponto de vista de Lefevere, todo sistema literário é constituído por várias poéticas em luta. Elas se compõem, de um lado, pelo inventário de gêneros, assuntos, estilos, personagens prototípicos, símbolos, etc., e, de outro, pela função que a sociedade pressupõe que a literatura deve ter. Em concordância com os postulados de Even-Zohar, Lefevere (1992) enfatiza a dinamicidade do sistema literário e distingue dois tipos de mecanismos de controle que incidem nele, um interno e outro externo. O primeiro é constituído pelos chamados “profissionais da literatura” (críticos, professores, resenhistas, tradutores, etc.) que regulam a formação e transformação do cânone literário quando rejeitam obras que não se ajustam à ideologia ou à poética dominante do sistema ou quando produzem reescritas com o objetivo de torná-las aceitáveis em ambos os sentidos.

As reescritas têm, portanto, um papel fundamental dentro dos sistemas literários e, ainda mais, são as principais responsáveis pela interpenetração dos sistemas literários. Sua dupla função é projetar imagens de obras e de escritores em uma cultura estrangeira e providenciar novos recursos literários que serão incorporados às poéticas da cultura alvo e possibilitam a eventual mudança dos componentes funcionais.

Os conceitos de reescrita e de poética, e as relações que eles sistematizam, são de grande relevância para a análise das reescritas de *Martín Fierro*. Em primeiro lugar, porque permitem compreender e organizar fenômenos aparentados, porém complexos, como as reescritas do texto fonte que contribuíram para sua canonização no sistema literário de origem, e as reescritas brasileiras, cujas funções no sistema alvo se procura depreender. Em segundo lugar, definem os componentes poetológicos em jogo nas reescritas, que serão analisados no Capítulo 5, quando serão correlacionados o regionalismo sul-rio-grandense – a poética do sistema alvo

the impact they made has not often been studied in the past, and is still not the object of detailed study. This is all the more strange since the power wielded by these images, and therefore by their makers, is enormous.”

– e a poesia gauchesca – a poética do sistema fonte.

O mecanismo de controle externo do sistema é denominado patronagem. A patronagem consiste na força – exercida por sujeitos e por instituições – que impulsiona ou restringe as atividades de escrita, leitura e reescrita da literatura. Geralmente opera através de instituições criadas para regular a escrita ou, mais comumente, através da distribuição de obras literárias: a academia, revistas especializadas e instituições educacionais. A patronagem procura regular a relação entre o sistema literário e os demais sistemas que constituem a sociedade. Por essa razão, interessa-se mais pela ideologia do que pela poética de uma literatura.

A patronagem é composta por três elementos: o componente ideológico, o componente econômico e o de *status*. O componente ideológico influi na escolha e no desenvolvimento dos aspectos temáticos e formais da obra literária. Além disso, o influxo desse componente abrange as diversas esferas dos polissistemas, para além do sistema político, de forma que “a ideologia se assemelha a uma grade de formas, convenções e crenças que organizam nossas ações”⁷ (Jameson, 1974, *apud* Lefevere, 1992, p. 16). O componente econômico da patronagem assume diversas formas ao longo da história. Enquanto no passado o mecenas providenciava proteção jurídica e econômica aos artistas, na atualidade predominam a concessão de subvenções e o pagamento de direitos de autor. Por último, o *status* é um valor que a patronagem pode oferecer na medida em que abre as portas para determinados grupos sociais e estilos de vida.

Algumas considerações relevantes sobre a força da patronagem para a presente pesquisa são: de um lado, o fato de que, apesar de sua dinamicidade intrínseca, no sistema literário predomina uma tendência conservadora. E, de outro, o fato de que as transformações no sistema literário, como a tendência conservadora, estão profundamente ligadas às necessidades da patronagem:

Supõe-se que o sistema literário tem um impacto no contexto por meio das obras que produz ou das respectivas reescritas. Se essas expectativas não são cumpridas, ou frustradas de forma consistente, os agentes de patronagem podem demandar ou, pelo menos, incentivar a produção de obras literárias passíveis de atender suas expectativas⁸. (Lefevere, 1992, p. 23)

⁷ "Ideology would seem to be that grillwork of form, convention, and belief which orders our actions."

⁸ "The literary system is supposed to have an impact on the environment by means of the works it produces, or the rewritings thereof. If these expectations are not met, or even consistently frustrated, patrons are likely to demand or, at least, actively encourage the production of works of literature likely to meet their expectations."

Em outras palavras, pode ser prevista – independentemente de a análise das reescritas brasileiras de *Martín Fierro* depreender uma tendência mais conservadora ou mais inovadora do sistema alvo – a relevância do componente ideológico, fortemente vinculado à patronagem. Devido que uma das características da obra estudada é seu potencial de autoidentificação com o protagonista gaúcho – protótipo também do regionalismo sul-rio-grandense – é possível que o interesse do sistema alvo na obra resida nessa capacidade do texto fonte. Os aspectos ideológicos das reescritas serão estudados no Capítulo 4 e levarão em consideração o tratamento dispensado pelas reescritas à identidade fundada na figura do gaúcho platino Martín Fierro. Com tal objetivo, serão incorporadas as contribuições de Stuart Hall para o estudo das identidades.

2.2

A identidade como construção

De acordo com as ideias de Stuart Hall (2006), a figura do gaúcho Martín Fierro será analisada a partir do pressuposto de que as identidades são definidas por sistemas culturais de representação. Em consonância com Hall, Barbara Woodward (2004) define representação como todas as práticas e os sistemas simbólicos através dos quais são produzidos sentidos e os sujeitos são posicionados dentro de uma determinada sociedade.

Desse ponto de vista antiessencialista, assume-se que as identidades são construídas através de sistemas classificatórios que assinalam diferenças. Em última instância, são as diferenças, e não um atributo intrínseco, que definem as identidades, estabelecendo fronteiras com outras. É nesse sentido que se afirma que as identidades são diferenciais e, ainda mais, culturais, na medida em que cada cultura desenvolve um sistema classificatório que “aplica o princípio da diferença a uma população de forma em que é possível dividir seus membros e todas suas características em, pelo menos, dois grupos opostos – nós/eles” (Woodward, 2004, p. 29). Vinculados a questões de poder em uma determinada sociedade, os sistemas classificatórios sustentam a ordem social (respondem a perguntas como “Quem sou?” e “Quem posso ser?”) e são consolidados através de discursos e práticas simbólicas. O conceito de sistema classificatório é muito relevante para a pesquisa já que Hernández em *Martín Fierro*, como será explicado com maior profundidade no Capítulo 3, representa a sociedade argentina de finais do século XIX através de

um sistema de oposições que define as identidades em jogo da perspectiva de um gaúcho.

Por outra parte, interessa refletir sobre alguns fenômenos relacionados com as identidades na contemporaneidade que facilitarão a compreensão de diversos aspectos relacionados com o tratamento dispensado à obra, já centenária, pelo sistema de chegada. Na contemporaneidade testemunham-se fenômenos que incidem fortemente na forma como as identidades são construídas. Stuart Hall caracteriza esse período, parafraseando Anthony Giddens, como uma época definida não só “pela experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas [também como] uma forma altamente reflexiva de vida” (Hall, 2006, p. 15), de forma que as práticas sociais – incluindo as que contribuem para a construção das identidades – são continuamente questionadas e reformuladas. A natureza de tais mudanças pode ser compreendida através do conceito de *deslocamento* formulado por Ernesto Laclau, segunda referência apresentada por Hall (2006). As estruturas são deslocadas do centro sem serem substituídas por outras e, como consequência, surge uma pluralidade de centros de controle.

Considerando que as sociedades pós-modernas são caracterizadas pela diferença (“elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de ‘posições de sujeito’ – i.e. – de identidades” (Hall, 2006, p. 17), pode-se afirmar que as estruturas das identidades que sustentam tais articulações encontram-se em contínuo deslocamento. Por essa razão, as subjetividades, outrora experimentadas como estáveis e unificadas, se caracterizam, na contemporaneidade, por serem fragmentárias e compostas por identidades por vezes contraditórias e não-resolvidas. Um exemplo paradigmático de identidade são as culturas nacionais, que, do ponto de vista de Hall, são construídas por representações e ostensivamente afetadas pelos fenômenos gerais descritos em torno das identidades:

As culturas nacionais são conformadas tanto por instituições culturais, quanto por símbolos e representações. A cultura nacional é um discurso – uma forma de construir significados que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto nossa percepção sobre nós mesmos (...) As culturas nacionais constroem identidades através da produção de significados atribuídos à “nação” com os quais podemos nos identificar. Eles são veiculados pelas histórias que nos contam sobre a nação, as lembranças que conectam seu presente com seu passado e as imagens dela que são construídas. (Hall, 2006, p. 48)

Em relação à construção das identidades nacionais na modernidade, interessa

destacar dois fenômenos significativos: de um lado, o fato de que as divisões e diferenças que atravessam as culturas nacionais são apagadas em virtude da exaltação da coesão cultural Hall (2006); e, de outro, o fato de que são construídas identidades contrárias (inimigas), segundo a proposta de Laclau (Gadea, 2008).

As observações de Stuart Hall e de Laclau em torno da construção das identidades nacionais na modernidade serão retomadas no Capítulo 4, com referência aos aspectos ideológicos que influenciaram as reescritas brasileiras de *Martín Fierro*. Devido ao fato de que *Martín Fierro* é um referente identitário do polissistema cultural fonte, convém explorar o interesse do sistema alvo nessa figura e o tratamento dispensado pelas reescritas, seja para afirmar uma identidade comum entre os gaúchos sul-rio-grandenses e os platinos, seja para demarcar diferenças.

2.3

O estudo dos paratextos das reescritas

Gérard Genette foi o precursor dos estudos dos paratextos editoriais, assinalando pela primeira vez o papel decisivo que esses elementos têm na configuração de uma obra literária na medida em que acompanham o texto, o prolongam e asseguram sua recepção. No sentido contemporâneo do termo, lembra Genette (2009 [1987]), um texto despido de paratextos dificilmente seria considerado um livro. Os paratextos funcionam – explica o autor, tomando a metáfora de Jorge Luis Borges – como um umbral ou como um vestíbulo onde são negociados sentidos que podem influenciar a forma como a obra é recebida:

uma zona não apenas de transição, mas também de transação: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados (Genette, 2009, p. 8).

A pertinência do estudo dos paratextos que acompanham as reescritas brasileiras de *Martín Fierro* justifica-se, portanto, pela influência que eles podem exercer na leitura e recepção de uma obra literária. Dado que Genette não se debruçou especificamente sobre o estudo dos paratextos que acompanham as traduções e outras formas de reescritas, serão referidas também as considerações de Marcia Martins (1999) e as contribuições de Teresa Dias Carneiro (2014) para esta

área.

Simplificando as categorias gerais estabelecidas por Genette e em consonância com a proposta de Marcia Martins (1999) para o estudo dos paratextos que acompanham as reescritas,

serão considerados paratextos todos os elementos presentes no livro e que tenham sido produzidos especialmente para o mesmo; qualquer outro tipo de discurso sobre a obra situado espacialmente fora da edição correspondente configurará um metatexto (Martins, 1999, p. 196).

Em outras palavras, os prefácios e posfácios, os textos que aparecem nas orelhas dos livros, na capa, contracapa e nas capas segunda, terceira e quarta das traduções constituem os paratextos linguísticos das traduções, que oferecem informação valiosa sobre o tratamento dispensado pela cultura alvo às reescritas.

São de especial interesse para a presente pesquisa os prefácios, resenhas e notas que aparecem nas orelhas e contracapas das reescritas brasileiras de *Martín Fierro*, textos esses que serão estudados de acordo com o recorte proposto para a presente pesquisa, i.e., enfocando os aspectos que contribuem para a projeção de imagens do gaúcho Martín Fierro. Adicionalmente, e por razões de espaço, a pesquisa irá se limitar aos paratextos verbais das reescritas, apesar de reconhecer a relevância dos paratextos gráficos na construção de diversas imagens do protagonista da obra na cultura alvo.

Como proposto por Genette (2009) – e adotado por Martins (1999) e Carneiro (2014) em seus respectivos estudos – resulta pertinente classificar os paratextos de acordo com o autor a partir do seguinte parâmetro: serão considerados *autorais* os paratextos assinados pelo autor da obra, e *alográficos* os assinados por outros autores, como os tradutores, editores e resenhistas. Além disso, dadas as particularidades da obra analisada, é necessário estabelecer uma distinção dos paratextos de acordo com sua origem: serão referidos como “paratextos da edição original” e “paratextos das edições originais contemporâneas” aqueles que acompanharam a edição *princeps* e as edições contemporâneas do texto, respectivamente, e como paratextos das reescritas, aqueles que foram produzidos especificamente para acompanhar as edições brasileiras.

Por último, cabe apresentar as funções gerais dos paratextos, de acordo com a proposta de Genette, para os prefácios (designação comum que inclui outros textos afins como introduções, prólogos, preâmbulos, etc.):

Para começar, os prefácios autorais têm como objetivo assegurar uma boa

leitura do texto através de duas funções capitais: captar o leitor potencial e providenciar guias para uma interpretação autoral e/ou editorial. A primeira função é cumprida por um aparato retórico cujo repertório inclui tipicamente os seguintes tópicos: a importância do tema proposto; sua originalidade ou seu caráter tradicional; sua veracidade; a unidade de assuntos, no caso das antologias. Todos os tópicos mencionados atendem ao princípio da *captatio benevolentiae*, isto é, valorizar o conteúdo do texto sem destacar a figura do autor para evitar qualquer presunção de falta de modéstia (Genette, 2009).

A segunda função dos prefácios autorais consiste em definir como deve ser lido um livro, de acordo com as expectativas do autor. Não se trata de uma série de instruções explícitas, mas sim de um conjunto de informações fornecidas ao leitor que o autor considera necessárias. Inclui informações sobre a gênese da obra; definições sobre o gênero textual ao qual pertence; comentários sobre o título; a ordem de leitura sugerida; contratos de verossimilhança; definição de um público alvo; e, a mais relevante para a presente pesquisa, a declaração de intenção. Quando o autor declara suas intenções em um prefácio, acaba impondo uma determinada interpretação já que é, usualmente, considerada incontestável.

De outro lado, a função dos prefácios alográficos coincide essencialmente com a função dos prefácios autorais já que favorecem e guiam a leitura. Com tais objetivos, recomendam a obra (mesmo que implicitamente, por vezes, a autoridade que reviste um autor consagrado que assina o prefácio de outro funcione por si só como exortação) e oferecem informações sobre a gênese da obra, a biografia do autor e o contexto de produção. Por último, é indispensável levar em consideração que, ocasionalmente, são atribuídas outras funções aos prefácios alográficos, como explica Genette (2009, p. 239-240):

[O] prefaciador, seguro da posição dominante que geralmente sua notoriedade lhe confere, e também pelo fato de atender um pedido, e, portanto, certo de poder “permitir-se [quase] tudo”, aproveita as circunstâncias para ir um pouco além do objeto em questão em prol de uma causa mais ampla, ou, eventualmente de todo diferente. A obra prefaciada torna-se, então, simples pretexto para um manifesto, para uma confidência, para um acerto de contas, para uma divagação (...) Não se deve acreditar, porém, que o prefácio alógrafo tem sobre o autoral o privilégio da total boa consciência e que todos os escritores, ilustres ou não, prestam-se sem mal-estar ou escrúpulo a esse papel de “padrinho” literário ou ideológico.

Em síntese, o presente capítulo definiu a abordagem, o enquadramento teórico e o recorte da pesquisa que nortearão a apresentação do texto fonte, tema do próximo capítulo.